

## Capítulo 2

a) *Cidade que é Pessoa - mas que não é Self*

A Cidade e a Psicologia, obviamente, são campos que, de tão abrangentes e diversos entre si, ensejariam uma aproximação tautológica no infinito, à semelhança do ponto matemático por onde, em algum momento, convergem caminhos ou retas paralelas entre si.

Interessou-nos, mais especificamente, argüir a relação do indivíduo na Cidade, ou, quem sabe, dos efeitos do indivíduo na constituição de uma percepção coletiva da Cidade à sua imagem e semelhança. Foi este indivíduo que impetrou um modo de: "(...) 'ser', a partir das exigências de unidade, identidade, permanência (...) O sujeito, concebido como *autor e centro de todos os atos válidos de conhecimento* (itálico nosso), de toda atividade pensante (...) critério a partir do qual outras verdades podem ser constituídas (Araújo, 2007, p. 91).

Obelisco da Modernidade européia, o indivíduo não apenas ungiu-se como referência da vida e métrica para a disposição do planeta, como também quis para seus interesses o espaço comum das sociabilidades e reciprocidades: o símbolo da rua enquanto conectivo desfez-se como mero deslocamento, a praça tornou-se entretenimento etc, e a Cidade, aos poucos, tornou-se cativo das necessidades particulares dos indivíduos (com suas instituições e seus objetos - vg., automóveis).

Representando uma parcela dos resistentes à transposição completa do ônus de agrilhoar a Cidade às perspectivas e horizontes destes vários *Selves* que a sitiam, elegemos um raciocínio onde:

(...) a noção de sujeito é repensada e preterida, dando lugar a uma nova proposição que se afasta tanto da noção de indivíduo quanto das concepções correntes (...) Propõe-se, em seu lugar, o termo *Pessoa* - 'processo sem sujeito, no sentido de sem nenhum centro de enunciação' - em sinal de afastamento em relação às denominações usuais (...) (Araújo, 2007, p. 160).

Para redimir a simbolização da Cidade daquelas adjacências de controle e dispositivos de poder sufragados pelo indivíduo, Araújo (2007) atravessa filosofia, sociologia, antropologia, biologia, ecologia, ciência computacional, inteligência artificial e cibernética, reconstruindo as narrativas cidadinas.

Acompanhando o seu périplo analítico, em muito inspirado no trabalho do brasileiro MD Magno (citado por Araújo, 2007) e aplicado a objeto de sua familiaridade conceitual, estamos, certamente, abandonando uma paisagem de Cidade acostumada com:

(...) os grupos humanos, dispersos pelo planeta, gerando crianças e criando, mediante as mais variadas estratégias sociais que domesticam o polimorfismo, politropismo e polivalência sexuais (...) Homens e mulheres tornados socialmente 'máquinas ventrílocas' das regras de parentesco, esses inúmeros princípios de regulação da reprodução sexual/social da espécie que articulam a ordem e a *desordem social e cósmica* (itálico nosso), unindo, separando, punindo (...) (Araújo, 2007, p. 32).

Tangenciando o óbvio, seu texto (Araújo, 2007) inicia-nos pelas searas da coletividade tecnológica na qual a configuração dos limites da Cidade, em sua abrangência do que nos afasta e aproxima-nos, é caracterizada na representação de "(...) pessoas que se tornaram lugares de interseção entre os espaços concretos e o ciberespaço" (Araújo, 2007, p. 57).

Somos tutoriados, ao longo do pensamento da autora (Araújo, 2007), pelo reconhecimento de processos que, fora da linha dos nossos olhos, implicam-nos, uns pelos outros, por entre os símbolos de um território onde nos relacionando, acreditamos pertencê-lo: um mundo que corre nas transmissões suspensas ou submersas (de cabos de dados, de fibra óptica etc), ou invisíveis (de infra-vermelho, de rádios, de satélites etc). Se estivermos fisicamente distantes uns dos outros, nossos cabos, de tão apertados, já se contorcem nessa imensidão desconhecida que os legamos.

Sem, de fato, apercebemo-nos das implicações da tecnologia na Cidade, passamos a habitar a cinética da experiência, o lugar mesmo que não se transcorre e que não se referencia, posto que sua localização verifica-se, exatamente, no campo do deslocamento de signos, da passagem de símbolos e da mutação de sentidos.

Seguimos, assim, por uma malha de transições, onde a porosidade, a permeabilidade, a cambialidade e a maleabilidade entre espaços forja uma experiência de “(...) ‘Cidade cujo centro está em toda parte e a circunferência em parte alguma’ (...)” (Araújo, 2007, p. 139), onde tempos e ações rápidas confundem as tentativas de padronização e fazem da “(...) cibercidade (...) o espaço de habitação dos ‘imigrantes da subjetividade’ (...)” (Araújo, 2007, p. 146).

Na medida em que se reveste de significados imateriais, a autora-rede, a rede-Pessoa, a Pessoa-Cidade encaminha-nos por uma morada urbana eclética:

É evidente que esta transformação engloba o conceito de cidadão que passa a participar de múltiplas comunidades, dispersas, superpostas, através de distintos meios eletrônicos

- navegando em lugares públicos virtuais, participando em reunião preparadas eletronicamente em lugares remotos (...) somos *habitantes de entornos eletrônicos, em lugar de mero usuários* (itálico nosso) de artefatos informacionais (Araújo, 2007, p. 51).

Descortina-se uma compreensão da Cidade cuja abrangência e intensidade “(...) conexões sem fio e dispositivos de acesso portáteis criam ‘um campo contínuo de presença...’” (Araújo, 2007, p. 85) confunde-se com a extensão de uma nova perspectiva “segundo temporalidade e espacialidades mais pessoais” (Araújo, 2007, p. 75).

Nestas revoluções conceituais, fomos levados a acreditar, por ideologia ou pela vivência, por deslumbre ou por encantamento, que o tal “mundo” fez-se menor, nossa vizinhança está mais próxima, nossa voz, nossa imagem, nossos sonhos vão e voltam mais rápido.

Pela mensagem do celular, pelo vídeo no computador, pelos blogs, pelas camisas na rua, pelas cores e suas ausências, pelo transporte urbano, por mais gente caminhando e esbarrando-se, por mais ruído e mais poluição. Estamos influenciando mais uns aos outros, na medida em que compartilhamos mais acerca do modo como estamos.

Eventualmente, um morador dessas periferias urbanas que conhecemos, pode surpreender-se, tal qual outro do seu trabalho, “morando” em um mesmo acordo simbólico de Cidade onde duas residências, na verdade, separam-se por uma distância superior à uma hora e meia percorrida de automóvel, sem engarrafamentos.

Estes homens simples, a despeito da sua adesão ou informação, “(...) foram envolvidos num processo social total como nunca e que com a eletricidade temos a ‘extensão do nosso sistema nervoso central globalmente (...)’” (Araújo, 2007, p. 18 e 19).

Quer isso inferir que nossa proximidade ou distância, nosso passado e nosso futuro, nossa ansiedade e nossa capacidade de resolutibilidade, deixaram para trás as garrafas jogadas ao mar, os bilhetes perfumados no dorso dos cavalos, os mensageiros de confiança e, até mesmo, os correios.

Deixaram para trás uma larga medida de nossa autonomia, nosso senso de independência: o que somos é qualquer coisa cujas partes, muito embora conectadas, estão dispersas em lugarejos remotos entre si. Ironicamente, quando mais plugados, mais dispersos também estão nossos sentidos.

Neste espaço indefinível, nesta circunferência que não tem centro, nesta subjetividade de perfumaria, os contornos e a capacidade de escolha fazem-se reduzidos e sujeitos a mudanças velozes.

Para ilustrar as nuances de tal profunda ruptura, a transformação da espacialidade e da temporalidade das Cidades, assim como a própria noção da referência de sujeito individual, foram suavizadas em suas pretensões atemporais, fronteiras rígidas e silhuetas explícitas, mediante os acontecimentos de cada época investigada.

Este homem, emblemático da sua historicidade atual, é permeado por um "(...) novo conceito de Eu, desvencilhado dos raciocínios individualizantes, centralizantes e disjuntivos que caracterizaram sua emergência e consolidação no Ocidente, desde os gregos (...)" (Araújo, 2007, p. 115).

A cabo desta exposição, a Cidade é inserida no diálogo macro do desenvolvimento social, comunicacional e tecnológico, desfazendo

os perímetros do que se entendia por individualidades e Cidades humanas, substituindo um Psiquismo concreto e ainda refém das Muralhas Medievais, para saltar na textura de:

(...) comunidades (virtuais ou não) que se formam de modo não planejado, nas calçadas das ruas, nas festas e casas noturnas, em bares ou na praia (...) A Cidade que Eu sou se forma e transforma na e pela rede interativa que me é, tecida no fluxo dos interesses de vinculação e dispersão que me definem de maneira *ad hoc* (...) a Cidade que uma Pessoa É resulta do jogo de permanência e instabilidade ritmado pela repetição das transações que a movimentam. Isso cria padrões culturais, hábitos comportamentais, séries estáveis de interesses (Araújo, 2007, p. 122 e 124).

Estes moradores seríamos nós, fiados alhures pelo rádio, pela televisão, pelo telefone, pela internet, eletronicamente documentados da polícia ao crediário, vigiados no elevador e nas ruas, radiografados na química dos ossos e do cérebro, fotografados e monitorados pelos computadores.

Somos cidadãos de lugares vários onde também estamos e participamos de uma mesma dilatação simbólica da Cidade, que comporta o trânsito sem fim de inúmeros balões de conectivos. Somos parte dessa Cidade recente que não pode estar nas mãos do pretense invólucro que se dissolveu e cujos tijolos podem estar em fotografias preto e branco.

A importância dessa ênfase nas “relações entre pessoas e informação” (Araújo, 2007, p. 75), é ilustrada nesta interrogação:

(...) onde fica a sede do governo americano? Se pensarmos exclusivamente na ‘Casa Branca’ (...) ela está onde o presidente dos Estados Unidos, com sua rede política, estiver. Quando ele (pessoa física e jurídica) se desloca, o centro de poder se desloca com ele (...) qualquer um está excluído da Cidade que se define pelo outro (Araújo, 2007, p. 23).

Não há clareza na identificação dos velhos mitos, dos “nossos” deuses, dos “nossos” Estados. Ainda que estejam, mitos,

deuses, Estados etc, nos espaços onde sempre estiveram, “nós” e a Cidade que somos, mudamos de configuração: o que antes estava central, talvez, hoje, ainda que imovente, esteja mapeado no periférico. Da experiência com os totens restaram, apenas, os ciclones, maiores e menores, feitos de sons e de poeira em movimento.

A Cidade que nos é deixada como leitores de miragens é uma referência corajosa que não se refuta a enxergar os elementos constituídos pelo novo mundo, no qual vige “centros transterritoriais constituídos via telemática” (Araújo, 2007, p. 14), onde reina a efemeridade, a transitoriedade, a imprevisibilidade, a indecidibilidade, a indeterminação.

Somos parte de uma comunidade cujos esforços de trabalho justificam-se no porvir, ou somos, quem sabe, irmãos de homens que partiram e não voltaram, ou somos, talvez, mulheres de amores que jamais virão e, ainda assim, sempre existiram. Somos, também, avatares, compartilhando do exílio para o imaginário, e somos, quiçá, os novos contos de fada, que abrigam o deserto do real.

Nuclear à essa hipótese urbanística, almeja-se um novo desenho conceitual do humano que faz jus às práticas sociais estabelecidas, para uma experiência de Cidade que se define “(...) também pelo fato de o indivíduo ser articulado a uma rede de inter-relacionamentos eletrônicos (...)” (Araújo, 2007, p. 37).

Nessa Cidade, transitar, favorecer e otimizar, as relações ou as instalações humanas, tornando-as mais bonitas, mais agradáveis, mais coesas, mais eficientes, mais inteligentes etc, desafia-nos requisitar acaso teremos licença, seja para acompanhar os fluxos de

sentidos pessoais, seja para interpor qualquer proposição terceira, seja, ainda, para sustentar, numa rede de intermitências, os dispositivos que nós mesmos, em nossas frágeis (esticadas, esgarçadas, espaçadas...) individualidades, não mais estamos seguros do que se tratam e propõem.

Há tantos plugs, estímulos de todos os lugares, momentos e direções, que existir, por si, com algo minimamente significativo para si (indivíduo), tornou-se uma incerteza "(...) em benefício único de sistemas instantâneos de deportação, cuja intensidade tecnológica perturba incessantemente as estruturas sociais (...)" (Araújo, 2007, p. 44).

O indivíduo deportado, a partir da invasão de inúmeros outros caracteres (outros dígitos humanos, outros verbetes culturais, outras brotoejas virtuais etc) que lhe procedimentaliza com o que seja mais razoável, poderá (ou não) vir a compor uma matriz que o derive tal como um indivíduo sente-se sendo, que, por sua vez, refletirá como uma possibilidade legitimada (ou não) ante os critérios de validação compartilhados em uma dada circunstância temporária (e sempre em novos movimentos) de rede.

Fora de uma rede cultural de sentidos e instituições, não há indivíduo. A rede, portanto, não é a novidade: seus laços é que se tornaram mais híbridos e mais largos. Porções diferentes conectadas favoreceram o emergir de novos funcionamentos.

Advogando que os mundos, as pessoas e as Cidades serão tão plásticas, flexíveis e múltiplas quantos sejam as redes e possibilidades de conexões, reúne-se, aqui, as várias camadas da Cidade que, por vezes, não as reconhecemos como tal:

(...) o urbanismo do século XXI se transformaria em *orbanismo*, no qual, uma vez que não teríamos mais como referência fronteiras ou limitações, estaríamos tratando como Cidade não só o mundo, mas também o universo conhecido e por conhecer (...) (Araújo, 2007, p. 85-86).

Pensar a Cidade-Pessoa-Universos, nessa miríade de pontes tecno-linguísticas e, sobretudo, cadeias de rupturas (voluntárias?) e extinções (inevitáveis?) e supressões (insustentáveis?) que seguem parâmetros múltiplos, é caminhar além da materialidade dos abismos. É caminhar diferente.

Trata-se de uma Cidade cujos tecidos de reconhecimento, para viver e para morrer, não estão, por exemplo, dados no cemitério ou na maternidade: são apenas riscos que perfazem letras, que flutuam na tentativa que sustentar significados, são códigos trêmulos que um piscar de olhos, ou um fôlego maior dispersam, diluem e reconstroem.

Nesta rede de códigos e informações permutadas, existem corpos que nos parecem caminhar, mas que, aos olhos da nossa experiência cotidiana, jamais irão nascer, enquanto outros, que já partiram, permanecem aquecidos pela convergência de tantas identificações. Podemos considerar que:

(...) o real da Cidade que se tenta alcançar é uma prática desse real, uma prática da Cidade (um modo de lidar com a cidade) (...) A Cidade Sou Eu é a formulação conceitual de que não há distância/diferença entre realidade e representação simbólica. Se quisermos transpor para estes termos, 'a Cidade que uma pessoa é' são as suas representações simbólicas. Uma Pessoa-Cidade é um conjunto de representações simbólicas (Araújo, 2007, p. 35).

Ao contrário do que se convencionou "(...) como substância independente, indivisível e irredutível" (Araújo, 2007, p. 93), alude-se, neste raciocínio, o ato de peregrinar em territórios de bits, eletricidade e linguagem, "... concebendo-o cada vez mais como

rede de interações, sem ponto fixo de comando e inteligibilidade” (Araújo, 2007, p. 117).

Nossos corpos chegam mais longe pela tecnologia do metrô de superfície ou subterrâneo, nossas roupas viajam pelo mesmo programa de televisão, nossos dramas são exteriorizados por mais violência, mais cicatrizes... sabemos mais uns dos outros, e mais a respeito daquelas que não sabíamos. Somos mais e somos outros através das representações que construímos.

Curiosamente, aprisionados pelo que sabemos, menos temos o que fazer com tudo isso que podemos. Menos sentimo-nos parte na vida de outros. Tão menos, ainda, queremos outros como parte de nossas vidas. Quase ninguém, quase nada, parece-nos acolher o que somos. Somos menos e não conseguimos sermo-nos através das representações que construímos.

No diapasão entre o mais e o menos que somos, algo se sucede dos “(...) interesses dispersos que encontram correspondência e conectividade no aleatório da rede (...)” (Araújo, 2007, p. 121). Esse algo, testemunha da Cidade-Pessoa que sou, é um percurso em construção das rotas e das redes passíveis de significar.

O registro de um comentário importante faz-nos ponderar que, muito embora sendo pertinente a constatação acerca das redes informacionais, com suas plataformas tecnológicas e suportes lingüísticos, não quer isso implicar que tal dinâmica de funcionamento em rede, substitutiva ao “sujeito” moderno e ao “indivíduo” renascentista, questione, mínima e necessariamente, o padrão insustentável do consumo “individualista” atual.

No que concerne, especificamente, ao argumento do funcionamento em rede e da equivalência do mesmo ao estatuto de “Pessoa” (conforme a escola da NovaMente ou Nova Psicanálise<sup>i</sup>), sopesa-nos o fato de não identificarmos - seja nas articulações contemporâneas das redes apresentadas ou nas discussões veiculadas à nova “Pessoa” - um enfrentamento robusto às políticas liberais/capitalistas.

Tais acordos culturais insistem na redução/reificação do homem, por dispositivos de fetiche e de simulacro, à condição de mero fantoche dos seus interesses. Onde restaram as classes, a exploração humana, as corporações transnacionais? O fato de habitarmos em redes compartilhou o poder e diluiu as iniquidades? De fato, também a opressão tornou-se movimento, conectividade e manifestação do acaso?

Seja funcionamento fantoche atomizado/individualizado ou funcionamento fantoche em rede (weave) ou em colméia (swarm), permanece o empobrecimento do humano e o embrutecimento de sua dignidade para afirmar-se como sujeito. Não me parece crível que MD Magno, e qualquer outra forma de Psicanálise, venha a compactuar com esta violência social e anti-emancipatória.

O conceito de Pessoa, nesta forma de Psicanálise, revela-se como o campo de ação onde circunda uma teia de símbolos, códigos e afecções inconscientes, banhados de linguagem humana:

(...) O estado de interação ativa (...) que constitui a rede Eu=Pessoa revela-se, ao fim e ao cabo, *um procedimento sem sujeito* (itálico nosso), sem ‘ator’ da comunicação (...), sem centro de controle ou dono. Essa rede acontece à revelia do que *volitivamente sabemos, sentimos, lembramos, esquecemos, escutamos, vemos ou controlamos* (itálico nosso)(...) (Araújo, 2007, p. 165-166, grifo nosso).

Imaginamos, assim, que a proposição específica de homem, da Nova Psicanálise, venha a encontrar, sobretudo no contexto clínico apropriado, recursos facilitadores para a sustentação combativa da mesma.

E decorre-se por análise simples que, eventualmente, sua visada interventiva de homem, suficientemente especializada e respaldada por um constructo teórico-metodológico sofisticado, não possa manifestar-se espontaneamente, tal como criacionismo social, sob as honras do capitalismo.

No fragmento a seguir, observa-se a caracterização dessa visão de homem:

(...) não sendo possível, por conseguinte, excetuando por recortes e fechamentos, determinar a extensão de uma Pessoa (...) o que percebemos com mais nitidez são os focos, e tudo o que desconhecemos - mas que, ainda assim, atuam plenamente nesta rede de relações - é situado como franja (...) Este conceito de pessoa abrange sua configuração corpórea, as pessoas que fazem parte da sua vida, suas relações específicas com determinados espaços físicos, geográficos, seus campos de interesse, suas atividades profissionais, pessoais e amorosas, as tecnologias que usa, etc (...) (Araújo, 2009a, p.9).

A bem da verdade há que se lembrar que o conceito de Pessoa, conforme a Nova Psicanálise, é uma janela maior de possibilidades, uma resistência às limitações que foram impostas pela individualidade e seus processos de subjetivização.

Lembra-nos Araújo (2007) que: "... toda operação de individuação ou subjetivação é um rebaixamento das possibilidades mais amplas da idéia de Pessoa, e indica uma operação de recalque, isto é, de exclusão e não-conexão" (Araújo, 2007, p. 163).

Se é verdade que as diferentes Psicanálises tendem a posicionar-se contrariamente à redução e controle do homem, é

igualmente pouco provável imaginar que as redes sociais e tecnológicas do capitalismo, criadas para fomentar e aproximar trocas comerciais, venham a coincidir, necessariamente, com a Pessoa que também é Rede, no âmbito da Nova Psicanálise. Vejamos, a seguir, um recorte desse conceito aludido:

(...) Pessoa ou Eu nesta teoria é a resultante da rede composta de: 1) *formações primárias* (itálico nosso)- que corresponde às formações dadas ou espontâneas. Trata-se do que, como "natureza" podemos arrolar no orgânico/inorgânico; vivo/não vivo; formações do Universo conhecido ou por conhecer, em ordem macro ou subatômica; formações do planeta que habitamos, em seu design mineral, vegetal ou animal; na ordem dos organismos vivos (aí incluído o homem), sua constituição genética e dispositivos associados de conexão ecológica, a corporeidade humana e o conjunto de formações envolvidas nas regulações vitais; 2) *formações secundárias* (itálico nosso)- o que é fabricado graças à competência articulatória da mente, capaz de se movimentar e criar para além do dado espontâneo ou "natural". Trata-se, em outras palavras, da capacidade articulatória da espécie humana, que inclui sua performance lingüística, suas realizações históricas, artísticas, institucionais, tecnológicas etc, e 3) *formação originária* (itálico nosso) - é a estrutura de base do funcionamento mental da espécie. Está diretamente relacionada à competência mental em poder potencialmente avessar o que quer que se apresente e criar o 'novo'. Este mecanismo é denominado pela Nova Psicanálise de Revirão (Araújo, 2009a, p.8).

Quer isso implicar que a Pessoa é uma rede, e essa rede, existindo a tal Pessoa, coincidiria, no plano teórico, com a idéia de Cidade apresentada. Entretanto, no tecido social mais amplo, o que existe não é o senso de Pessoa, conforme trabalhado e sustentado pelas intervenções da Nova Psicanálise - sob pena de concluirmos que, havendo parametrização imediata entre ambas realidades, por contradição, a dimensão da Pessoa seria também equivalente ao corpo moderno do consumo.

(...) A inutilidade de separar o conceito de Pessoa e o de Cidade advém justamente da co-extensão entre o que se é, o que se tem, o que se acessa e do que se dispõe. Portanto, qualquer

Cidade poderá ser analisada a partir da Pessoa em questão (...) A cidade sou eu significa que a rede de formações constitutivas de uma singularidade (= Eu) constitui a cidade que se é (...) A cidade, que cada um é, é co-extensiva a seu modo urbano de inserção no mundo (Araújo, 2009a, pp. 10-11).

A constatação, entretanto, de uma malha tecnológica, via análise sociológica e política, não nos parece suficiente para equiparar a natureza dessa “rede” com a “rede” desdobrada em outro cenário epistemológico, qual seja o da Nova Psicanálise. E ainda que seja, por absurdo, sob a alegação superficial de “complexidade” e “transdisciplinaridade”, possível equiparar constructos originários de territórios epistemológicos distintos (“redes” nas disciplinas da sociologia e da psicanálise), o mérito na explicitação de novas subjetivações em rede não aplaca o aniquilamento e faz-nos calar ante exploração da vida, cuja uma das dimensões de fomento é o capitalismo, seja corporificado no indivíduo ou em redes descentralizadas.

Fazer-se como rede ou pessoa, na perspectiva desse argumento, é participar, necessariamente, de um estado de:

(...) maleabilidade de transformação, efemeridade e transitoriedade... que confere ao espaço urbano contemporâneo seu caráter fluido, movente e indiferenciante (...) espaço público e privado, dentro e fora, perto e longe, global e local, moradia e trabalho, real e virtual, Pessoa e Cidade. Por conseguinte, as formas urbanas encerram multifuncionalidade, polimorfismo, passagem e reversibilidade (Araújo, 2007, p. 81 e 83).

É um estado que, conforme articulado, muito embora não individualizante, permanece radicalmente antropocêntrico:

(...) contemos a Terra nas nossas mentes e redes (...) estamos num estágio em que a cultura - após termos suplantado a natureza a ponto de sermos obrigados a *preservá-la artificialmente, como uma forma cultural* (itálico nosso) - passa a referir-se, sobretudo, à própria cultura (Araújo, 2007, p. 87).

De maneira que o campo de experiência do humano, na teoria de MD Magno (apud Araújo, 2007), quer significar que tudo mais permanece como orbital em apenso aos movimentos que integram o campo da Pessoa, dos seus conteúdos aos processos do Universo:

(...) o que quer que compareça como extensão, como ligação com determinada Pessoa é *prótese (dessa) Pessoa* (itálico nosso). Desde modo, são próteses as roupas, o avião, os aparelhos, as ruas e bairros, as idéias, as construções, um texto, um pensamento, as aglomerações urbanas, a galáxia etc, tudo isto é protético (...) Pessoa incorpora (faz corpo) tudo aquilo a que se vincula e a que é vinculada, por isto está sempre em processo (Araújo, 2007, p.186-187).

Trata-se de um mundo e de uma concepção de Cidade que não iria além da sua visada e experiência possíveis:

(...) como se existisse mundo fora da nossa experiência, como se pudéssemos separar sujeito-objeto (...) Em outras palavras, a minha experiência de mundo produz o mundo que eu conheço e meu conhecimento do mundo é resultante do que dele experimento (Araújo, 2007, p. 125).

A essa Cidade que é Pessoa, mantém-se uma Cidade que Sou Eu, considerando o Eu=Pessoa como um campo exclusivamente de sentidos humanos e humanamente dirigido, fora de qualquer relação de reciprocidade com a vida e a Terra:

(...) 'Eu' é a operação sistêmica, que dinamicamente totaliza - já que seria inadequado falar 'centraliza' - um complexo estruturante e funcional (itálico nosso), aberto à possibilidade de troca e transformação (...) 'Eu' é uma totalidade sistêmica que preside à soma dos componentes biológicos, culturais, lingüísticos, psíquicos, que o constituem (Araújo, 2007, p. 115-116).

Importante também situar que a Cidade que é a Pessoa, não pode ser qualquer Cidade, como se a tecnologia, efetivamente, ainda que houvesse infraestrutura e recursos suficientes, calhou tornar-se uma ferramenta Universal, a ponto de ser incluída como dado Cultural e instrumento necessário de socialização.

Logo, a Cidade que é a Pessoa privilegia a Pessoa do Cosmopolita a partir da sua participação na Cidade da Tecnologia e da Produção eminentemente Financeira. A Cidadania vulgar dos iletrados tecnológicos não é passível da mesma distinção de funcionamento como Pessoa - ainda que portadora de redes, mas não liquefeita como na rapidez urbana.

Secundariamente, a Cidade dessa Pessoa é a Cidade das construções simbólicas, das narrativas e das linguagens, não é apenas a Cidade que Sou Eu, ou o Estado que Sou Eu - "L'Etat c'est moi" (ou "La Ville C'est Moi") -, independente das variações atribuídas ao "Eu", porém, não tem interesse em dialogar com a Cidade outra que Não-Sou Eu, que não é apenas Pessoa (como se a Pessoa coincide com o infinito dos processos da vida).

Comparativamente, a Cidade=Pessoa de MG Magno é a "... única e absoluta cidade, essa *absoluticidade* (itálico nosso) que mais ninguém o é como só eu o sou, embora nela aprisionado: cidadela da singularidade" (Magno apud Araújo, 2007, p. 5); ou a "... última (itálico nosso) instância, pelo conceito de Eu=Pessoa (...) co-extensiva a seu modo urbano de inserção no mundo" (Araújo, 2007, p. 6).

Instâncias únicas talvez não sejam a melhor caracterização para os campos da vida, ainda que se apresentem como postulantes da diversidade "última":

Within the perspective established here, although it may seem na impossible task, I believe that what approaches a completely inclusive thinking is the installation of a *Differocracy* (Magno, 2004), one of whose characteristics would be to say yes, to accept all differences, always based on indifferenciation, that is, considering everything interests. I am speaking here of a radical Democracy. In his case, each

person counts. This entails absolute respect for each of the differences (Magno, 2008: 120, 121). This is a principle of the sovereignty 'of differences, which have the right to survive as such. The State may only intervene to maintain survival and to prevent one from destroying the other' (Araújo, 2009b).

*b) Cidade que é Pessoa e, portanto, só pode ser Self*

"Posso, sem armas, revoltar-me?"

Carlos Drummond de Andrade, "A Flor e a Náusea"

(fragmento poético retirado das edições analisadas)

Dada nossa imersão na literatura técnica da Cidade=Pessoa (Cidade que não é o indivíduo), estabelecemos, por contraste, no âmbito correspondente da pesquisa de campo, uma coleta de dados que mergulharia em alguma faceta da cultura brasileira cuja referência da Cidade fosse o indivíduo.

Após levantamos iniciais prospectivos, elegemos, como nosso recorte antropológico, o universo da Revista "Cidade", cujo editorial é assinado pela diretoria do Shopping Cidade Jardim e confeccionada pela TRIP Editora e Propaganda<sup>ii</sup>.

Entre os meses de Junho/08 a Dezembro/08 (correspondente às Edições de número I-VII), a Revista circulou em publicações mensais. A edição VIII, todavia, é de março de 2009, a edição IX é de maio/09, a edição X (comemorativa, 1 ano do shopping) é de junho/09, a edição XI é de agosto/09, a edição XII é de outubro/09 e, finalmente, a edição XIII é de dezembro/09.

Esta iniciativa editorial selecionada é parte de um projeto comercial-publicitário maior, que tem um sítio<sup>iii</sup> e um twitter<sup>iv</sup>

próprios. Apenas entre os corredores do Shopping, circulam 2 mil pessoas/dia, “(...) gente interessada em algo além do conforto e da comodidade de um centro de consumo prático e moderno (...)” (Edição III, p. 10)

Transpondo as linhas arquitetônicas neoclássicas do Cidade Jardim, a revista é sóbria e cuidadosa nas cores, impressa em papel de qualidade superior e ambientalmente certificado, com layout leve e diagramação espaçosa, sua edição de número 13 (à época do encerramento da coleta de dados, era o número mais recente), apresentou 92 páginas com tamanho padronizado de 28 cm de largura por 36 cm de altura.

Trata-se de uma cidadania das elites que fazem Ioga, vão à piscina, assistem ao cinema, e, até, encontram-se com os amigos - enquanto se dá um tempo nas “compras”.

Cidadania, também, da vulnerabilidade do Self, das ameaças internas que permitem a vazão da tensão e do conflito na diversidade da oferta.

Afinal, é preciso bem zelar da estrutura psíquica que nos apóia em nossas divergências e incongruências existenciais, por meio do consumo de bem-estar (aula de ioga), de relaxamento (aula de natação), de diversão (cinema), de renovação (massagem), da preparação adequada (alimentação light), do conforto (vista panorâmica), da leveza e do brincar (espaço seguro de sequestros) etc.

A “Cidade”, no papel, espelha-se na “Cidade”, enquanto conceito de:

(...) Uma Rua Charmosa - esta é a idéia que permeia o conceito do Shopping Cidade Jardim. Um lugar original, eclético, capaz de casar a conceituada Hermès com o despojamento da carioquíssima sorveteria Mil Frutas (...) Um lugar que oferece: os melhores restaurantes da cidade; o maior spa da América Latina (...) O Shopping Cidade Jardim é um lugar único em São Paulo e só poderia ter uma revista idem, tão saborosa de folhear quanto um passeio a pé, digamos, num dia de primavera pelas ruas de Nova York (itálico nosso) (Edição I, p. 10).

Charmosa, eventualmente, não é o consenso, uma vez que, na opinião dos especialistas urbanistas, segue a mesma:

(...) a cartilha dos centros comerciais de luxo na cidade, como a Villa Daslu e o shopping Cidade Jardim (...) 'arquitetura de novos ricos' (...) uma espécie de ideologia que faz com que o estilo neoclássico seja próprio de shoppings finos que vendem grifes (...) o crítico Guilherme Wisnik liga o neoclássico à herança colonial. 'É um estilo que serve muito bem para a burguesia de lugares sem tradição'. Nesse ponto, a Casa Branca em Washington, segundo Wisnik, não está tão distante dos excessos neoclássicos paulistanos - construções em países que buscaram um lastro estilístico na arquitetura europeia (Barros & Martí, 2009).

De periodicidade variável, a "Cidade" propõe-se a traduzir o estilo de vida do "Parque Cidade Jardim" que "(...) representa um pouco a antiga praça. É um lugar seguro, com livraria, lugar para comer, lojas para comprar" (Edição III, p. 16).

No literalismo desta Cidade excêntrica, onde "(...) basta agendar horários com o Concierge do shopping que as personal shoppers (...) ajudarão você a escolher a roupa que mais combina com sua personalidade" (Edição VI, p. 6), também é possível encontrar lojas com aviões, helicópteros, barcos e carros, até chaveiro e lavanderia.

Das 1060 páginas acompanhadas (em 13 edições), transborda um perímetro urbano que inclui temas e experiências da seguinte natureza: sucesso, família, férias, viagem; charme, beleza,

cosmético, fitness, moda, grife, estilismo, alfaiataria, estilo de vida, elegância; jóias, arte, decoração, livro, poesia, música, fotografia, paisagismo, arquitetura, gastronomia, concerto, filme, teatro; esqui, golfe, squash, ioga, diversão, cruzeiro, bebida; tendências, universidade estrangeira, automóvel, eletrodomésticos, mobília, artigos para cada, animais.

Por ocasião das celebrações do seu primeiro ano,

(...) o Cidade Jardim floresceu (...) acima de tudo, como uma marca poderosa que mudou para sempre o conceito de shopping center no Brasil. Inspirados nas ruas mais elegantes do mundo, inauguramos o primeiro shopping a céu aberto da cidade, com lindos jardins, arquitetura elegante e um mix incrível, com as melhores marcas nacionais e internacionais, muitas delas inéditas em shoppings e até no Brasil, as melhores salas de cinema da cidade, os restaurante mais estrelados, a livraria mais charmosa e a Academia Reebok (...) fomos pioneiros na criação do concierge, dos uniformes dos funcionários desenhados pela estilista Isabella Giobbi, de um perfume próprio do shopping, dos carrinhos para as crianças, do Espaço Família, das personal shoppers e muito mais (...) Além de ter se tornado uma referência de elegância e bom gosto, entrando de vez para a seleta lista dos endereços indispensáveis quando se fala na São Paulo cosmopolita, o Shopping Cidade Jardim completa seu primeiro ano de vida também como uma referência no mundo dos negócios (Edição X, p. 6).

Não há dúvidas que esta "Cidade" (Jardim) busca, de fato, fortalecer uma conexão de mutualidade com os seus moradores. Vínculo não apenas de frequência e pedestrianismo, mas de confiança nos artefatos e serviços que circulam dentro dos muros da "Cidade".

Sua visão de iluminismo contemporâneo quer obstar os vulgarismos das manifestações contra as artes e as liberdades individuais: "Detesto essa visão obscurantista de achar que a moda é uma das grandes vilãs da história" (Edição X, p. 14).

Neste horizonte, podemos citar: "As flores do nosso jardim (...) É primavera. E para desfrutar em família das múltiplas

possibilidades que esse cenário oferece, nada melhor que um shopping a céu aberto" (Edição IV, p. 8).

Ou, ainda, a respeito das celebrações e convivências natalinas, sugere a "Cidade" que:

Frank Sinatra, Diana Krall, Tonny Bennett, Julie Andrews e outros grandes clássicos da música são alguns dos nomes escolhidos por João Marcello Bôscoli para fazer parte da trilha sonora do Natal do Cidade Jardim (...). O próximo trem está para partir. O destino é um Natal em família no Shopping Cidade Jardim. Iluminado pelas luzes de Paris, com cheiro de especiarias brasileiras e som de clássicos de Natal (Edição XIII, p. 21).

Este espírito gregário de comunidade, compartilhando valores e ações, parece projetar a "Cidade" no seu imaginário extensível de bem-estar, que inclui Nova York e Paris como "metáforas" organizadoras e também se materializa na "Fazenda Boa Vista"<sup>1</sup>: uma estrutura de luxo para veraneios (estâncias a partir de 10mil m<sup>2</sup>, residências entre 600-1500 m<sup>2</sup>, villas residenciais e hotel, piscina de 70m, centro eqüestre e campo de polo, golf, quadras de tênis, SPA, trilhas, restaurante), parte dos empreendimentos da JHSF, que é mesma incorporadora responsável pela construção do "Parque Cidade Jardim".

No tocante às crenças que habitam a Cidade, sua ocupação do espaço público parece ser passível de definição como do tipo "Scuppies". Em outras palavras:

O consumo consciente já virou mainstream. A novidade, agora, é um grupo de pessoas que encontrou um meio-termo e conciliou luxo ao consumo consciente. O termo Scuppies (Socially Conscious Upwardly-Mobile Person) define um grupo de consumidores que abraça a natureza e ao mesmo tempo valoriza bens materiais e tendências de moda. O criador do termo, Charles Failla, presidente de uma companhia financeira de Nova York, comentou em seu site: "nós queremos salvar o mundo, sim.

---

<sup>1</sup> Referência na internet: [www.boavista.com.br](http://www.boavista.com.br)

Mas, enquanto isso, queremos aproveitar nossas vidas. Ser 'ecofriendly' não implica abrir mão do prazer. Quando o assunto surgiu, os radicais foram batizados de eco-chatos. Hoje, os produtos ecologicamente corretos estão cada vez mais sofisticados e já ganharam o apelido de eco-fabulous (Edição VI, p. 34).

Paco Underhill, antropólogo norte-americano, visitou a "Cidade", depois da sua palestra sobre "consumo verde", classificando os "Cidadãos" que se deparou como aqueles que, outrora, buscavam satisfação e prazer fora do Brasil:

O nível de sofisticação dos consumidores pede um esforço cada vez mais para atingir essa magia. Os consumidores que vêm ao Cidade Jardim, por exemplo, são os mesmos que vão a Miami, Nova York ou Paris. Ou seja: o concorrente não é mais o shopping mais próximo, e sim os melhores locais de compra do mundo (...) No Cidade Jardim, o comprador ideal seria aquele (...) com consciência fashion (Edição II, p. 32).

Empreendimento imobiliário sem precedentes no Brasil, o "Parque Cidade Jardim" está sediado na capital financeira de São Paulo e é constituído por:

- **3 torres corporativas** (blocos com escritórios variando entre 735-1825 m<sup>2</sup>; 355-745 m<sup>2</sup>; 92-572 m<sup>2</sup>, construídos no conceito de Green Building, com heliportos e 9mil m<sup>2</sup> de área verde e lagos); &

- **6 torres residenciais** anexas a **1 parque botânico** privado (Paisagismo inspirado no Central Park, com 55mil m<sup>2</sup> de área verde, incluindo 300 espécies de árvores, dentre as quais palmeiras, jabuticabeiras, orquídeas, azaléias) e **1 centro comercial** (o "Shopping Cidade Jardim, inaugurado em 30 de maio de 2008, com um piso de SPA, um piso de SportClub, além do Térreo, Primeiro, Segundo e Terceiro Pisos com serviços diversos e um jardim próprio);

Por entre tais residências, convivem "Cidadãos" em seus domicílios variando de 236 m<sup>2</sup> a 2016 m<sup>2</sup>. Do ponto de vista, portanto,

da iniquidade social, injustiça comunitária e distribuição de renda desigual, também na “Cidade” observa-se que existem condições de moradia que, na comparação entre os vizinhos mais ricos e o mais pobres, estes últimos são obrigados a conviver com apenas 10% do espaço utilizado pelos primeiros. O que isso significa do ponto de vista do convívio cidadão?

Nosso recorte temporal acompanhou o exercício regular dessa cidadania entre o intervalo simbólico (conforme a cultura nativa do “Cidade Jardim”) da abertura da loja da Louis Vuitton (2008) à abertura da loja de Thierry Hermès (2009).

Na correspondência do simbólico às documentações registradas, este período apóia-se nas 13 primeiras edições da Revista, com lançamento inaugural no mês de junho de 2008 e encerramento de nossa coleta de anos na edição de dezembro de 2009.

Ao longo destas edições, anúncios de página inteira familiarizam-nos com diversas marcas, dentre as quais, podemos destacar algumas:

Categoria **Moda** - Louis Vuitton, Giorgio Armani, Dior, Longchamp, Chanel, Hermès, Carolina Herrera, Trussardi, Givenchy, Gant, Daslu, Ermenegildo Zegna, Centauro, Osklen;

Categoria **Automóvel** - Porsche, Mitsubishi, Mercedes Benz, LandRover, Audi, Citroën, Fiat, Ford, Volkswagen;

Categoria **Financeira** - Citibank, Unibanco Private Bank, HSBC Premier, Visa Platinum,

Categoria **Bebida** - Blue Label, Baileys;

Categoria **Jóias** - Tiffany&Co, MontBlanc;

Categoria **Celulares** - htc Mobility, Tim, Telefonica;

**Outros** - Coelho da Fonseca - PrivateBrokers; Corsage - Rolex; Sofitel Hotel; Vogue; LG; Fasano; Pharmaton; Emirades;

Apenas a título de ilustração, no mês de dezembro de 2009 (Edição XIII), transitar pela "Cidade" (92 páginas) significou percorrer 67% de anúncios diretos, 27% anúncios indiretos (cotidiano de cidadãos, cotidiano de operações, produtos e serviços) e os 6% demais distribuídos entre informações básicas do shopping, além de sugestões de viagem, de esporte, de arte, cultura e de alguma filantropia;

A identidade da Revista que se dirige a materializar o mundo da "Cidade", contemplou nesta edição de dezembro de 2009:

- 3 páginas de informações gerais: 1 página de Editorial, 1 página de Sumário/Ficha de Produção, 3 páginas com Guias de Compras (mapas, lojas, telefones, serviços, horários de funcionamento etc);

- 10 páginas para formadores de opinião da "Cidade": 6 páginas de entrevista com tenista e meia página de anúncio referente à atividade esportiva, em parceria, promovida com a entrevistada, durante sua visita ao Brasil; 2 páginas de entrevista, com anúncio de produtos e serviços; 1 página de entrevista, com anúncio de produtos; 1 página de entrevista, com anúncio de produtos;

- 7 páginas sobre estilo e qualidade de vida dos "Cidadãos": 3 páginas de viagem; 2 páginas de arte; 2 páginas de mapa cultural (Angra dos Reis);

- 11 páginas com produtos e serviços disponíveis na "Cidade": 2 páginas de receitas e restaurantes; 1 página de comentários de moda; 4 páginas de moda e estilo; 4 páginas de moda e estilo;

- 8 páginas sobre o cotidiano de operações na “Cidade”: 2 páginas acerca da decoração de Natal; 1 página de desejos de presente de Natal, relatados por clientes; 1 página de pedidos de Ano Novo; 1 página de inauguração de restaurante; 1 página de inauguração de mix de lojas, 2 páginas de inauguração de loja; 2 páginas sobre academia de ginástica;

- 6 páginas e meia sobre o cotidiano dos “Cidadãos”: fotos com eventos internos, dentre os quais três desfiles, música, champagne, lançamento de bolsas francesas, premier de filmes, atividades de maquiagem e hairdesign, lançamento de livro, yoga no parque interno e evento para arrecadação de fundos para crianças com câncer - “E, para dar mais glamour à ação, vários bacanas vestiram a camisa e transformaram-se em vendedores por um dia” (Edição XIII, p. 56);

- 62 páginas de anúncios diretos: 11 páginas inteiras de catálogo de moda urbana (diferentes marcas, produtos e faixas de preço; pp. 64-74); 9 páginas inteiras de catálogo de moda de verão (diferentes marcas, produtos e faixas de preço; pp. 78-87); 9 anúncios de página inteira na categoria de “editorial publicitário” (com anúncio de produtos, preços e telefones das marcas Lacoste, Gant, Daslu, Centopéia, 284, Fogal, Furla, Centauro e Mickey Home); 30 anúncios de página inteira (marcas diversas); 3 anúncios de meia página (marcas diversas).

Na dinâmica cotidiana entre aspirações intrínsecas e extrínsecas para a vida, conforme discussão elaborada por Kasser (2005), podemos constatar que os objetivos implícitos aos processos

na “Cidade” (Jardim) não sugerem correlação à primeira escala, qual seja:

**Intrinsic** goals are those that are inherently satisfying to pursue because they tend, on average, to be congruent with important psychological needs held in common by all people. There are three main intrinsic goals that we have studied. **Personal growth** goals concern strivings to more deeply understand one’s own self and to pursue one’s own interests and callings. **Affiliation** goals involve being closely connected to family and friends. **Community feeling** goals are primarily about trying to improve the state of the broader world through activism. As most readers likely recognise, these three intrinsic goals have traditionally been encouraged by various philosophical and religious traditions as important pursuits that are purported to bring happiness (Kasser, 2005).

Comparativamente, as categorias de jóias, de produtos e demais serviços de luxo parecem corresponder ao segundo descritor, apresentado pelo pesquisador nos seguintes termos:

**Extrinsic** goals differ from intrinsic goals in that they are focused on obtaining external rewards and praise, and in that they are typically means to some other end. As such, they are generally not satisfying in and of themselves and can often distract from satisfaction of one’s psychological needs. We have typically studied three main extrinsic goals. **Financial success** goals concern making a lot of money and having many nice possessions. **Image** goals involve having an attractive physical appearance and being “in style.” **Popularity** aspirations are to be well-known and admired and to have high status among others. Extrinsic goals are also well-emphasised by some socialising agencies, particularly those involved in attempts to convince individuals that the path to happiness is best pursued through consumption of goods and services that bolster a nation’s Gross National Product (Kasser, 2005).

Esta é, afinal, a “Cidade” tecnologicamente sustentável que transita nos imaginários: dos seus moradores, daqueles que lá fantasiam, um dia, habitar, e daqueles que, muito embora a desejem, apenas como invasores seriam capazes de atravessar os seus muros.

c) Pessoa, que já não é Self, entretanto ainda não é Cidade

O Self foi o objeto da atenção profissional de Rogers por um tempo significativo da sua carreira. Em um primeiro movimento da proposta psicoterapêutica por ele apresentada, seu olhar reclinava-se para a redução na tensão entre os ideais, valores e expectativas orquestrados pelo Self e o conjunto das demais experiências possíveis que atravessavam o campo perceptual e impactavam o indivíduo.

(...) as tensões, chamadas de desajustamentos psicológicos, existem quando o conceito organizado de Self (...) não está de acordo com a percepção realmente experienciada. Essa discrepância entre o conceito de Self e as percepções atuais parece explicável somente em termos do fato de que o conceito Self *resiste* (itálico nosso) em incorporar a si qualquer percepção que não seja consistente com sua organização atual (...) o ajustamento e desajustamento dependem da congruência entre as percepções enquanto experienciadas e o Self enquanto percebido (Rogers, 1947/2008, p. 63, grifo nosso).

O que Rogers está explicitando, ainda no final da década de 1940, especialmente na Conferência “Algumas observações sobre a organização da personalidade” (Rogers, 1947/2008), sugere que “(...) quando observamos e estudamos os registros gravados de terapias concluídas, ficou claro que a principal característica resultante não é necessariamente a solução de problemas, mas uma liberação de tensão [do Self] (...)” (Rogers, 1947/2008, p. 57).

O objetivo, então, era o de facilitar uma maior capacidade adaptativa do Self - não, necessariamente, às circunstâncias da vida no seu espectro mais largo, mas, talvez, apenas no que diz respeito às suas fronteiras internas, regulações e exequibilidade de manutenção do mesmo, em face de inúmeros desafios experienciais que o chegavam, freqüentemente, como estímulos ameaçadores por vias

experienciais outras do organismo. A esse respeito, elucida Rogers (1947/2008):

(...) aceitação do Self como ele é e o sentimento de tranqüilidade e alívio que a acompanha (...) [a] aceitação e assimilação de percepção a respeito do Self (...) [incluindo] atitudes e sentimentos defensivamente negados porque não se coadunam com o conceito ou imagem que ela [pessoa] faz de si mesma (...) [porquanto a] imagem [do Self] é inteiramente inadequada à atual experiência real e orgânica na situação em causa (...) [de modo que] sua percepção não está inteiramente organizada em um Self consciente e consistente (pp. 60, 61 e 62).

É importante lembrar que um dos elementos constitutivos do Self são as Condições de Valia internalizadas, quais sejam dispositivos regulatórios cooptados por uma necessidade emocional de receber atenção e manifestações de apreço, permutadas publicamente na expressão de comportamentos, por parte do organismo, que se adéqüem a uma “estrutura de referência externa” (Rogers, 1947/2008, p. 49) – seja familiar, moral, cívica, cultural, espiritual etc.

Embora seja apenas uma das facetas no surgimento do Self, não passa despercebido o fato que a estrutura básica do Self busca também responder a um “diagnóstico” alicerçado em valores terceiros e incorporado ao funcionamento da pessoa, via dispositivos de violência orgâsmica, e que se demonstra como elemento central ao conflito, tensão e angústia latente (em face da subcepções para ameaças em potencial) que se instalam entre o Self e o próprio campo perceptual orgâsmico.

Uma vez que a estrutura do Self manifesta-se, parcialmente, com o intuito de satisfazer uma necessidade perenizada pela afecção e cristalizada pela memória individual (reconhecimento, amor etc), não quer isso implicar que, na dimensão dos fluxos e do

funcionamento vital/total, o organismo absteve-se de constituir relações a partir de atualizações mais amplas - e nem sempre restritas às necessidades do Self.

Ainda que sob o prisma da organização do Self seja uma necessidade legítima satisfazer os anseios ali constituídos (de regularização no afeto e na segurança), no enquadre mais amplo do funcionamento organísmico não é possível imaginar que o indivíduo possa manter-se, simplesmente, numa posição reativa ao campo mais largo de experiências e necessidades organísmicas, ou mesmo imaginando que lhe compete ordenar "(...) parte do campo que não inclui o Self" (Rogers, 1947/2008, p. 65).

Todavia, convencionou-se tomar o Self não apenas como centralidade na experiência humana, bem como proteger situações desconfortáveis ao funcionamento de sua estrutura. Neste panorama, está implícito que "(...) o Self é um fator básico na formação da personalidade e na determinação do comportamento (...) [que] o Self é, em alguma extensão, um arquiteto dele mesmo" (Rogers, 1947/2008, p. 53), e o processo terapêutico mediaria, junto ao cliente, tendo como "(...) foco o seu próprio Self (...)" (p. 65), de modo que "(...) o conselheiro se tornasse quase um Self alternativo que acolhe compreensiva e aceitadoramente essas mesmas percepções" (Rogers, 1947/2008, p. 64).

Trata-se, neste sentido, de um movimento psicoterapêutico que ratifica a existência do Self e das suas necessidades privatizadas de regulação, possibilitando-o, entretanto, uma maior capacidade de adaptação e de integração para os elementos variados da organicidade que poderão desafiá-lo ao longo da vida.

Buscava-se, portanto, situar a terapêutica em uma circunstância onde o crivo de "realidade" ou "ajustamento" coloca-se em função do Self, como se lê a seguir:

(...) permite que toda a percepção de si mesmo seja organizada dentro de um padrão [Self] (...) Quando todas as experiências perceptuais orgânicas - a experienciação de atitudes, impulsos, habilidades e incapacidades; a experienciação dos outros e da 'realidade' - são livremente assimiladas em um sistema organizado e consistente, disponível a consciência, então o ajustamento psicológico ou a integração pode ser considerada real (Rogers, 1947/2008, p. 60).

Esta mediação terapêutica possibilitaria uma reorganização, na experiência do Self do cliente, entre o perceptivo e o subceptivo, produzindo uma sensação de alívio decorrente do fortalecimento de um Self mais capaz, uma vez que é também Self mais real - embora, geralmente, com imagem de si reduzida em seus ideais. Significa, isso, dizer:

Parece que quando todas as maneiras pelas quais o indivíduo percebe a si mesmo; todas as percepções de qualidades, habilidades, impulsos e atitudes da pessoa; e todas as percepções de si mesmo em relação ao outros - são aceitas dentro do [auto] conceito organizado consciente de Self, então isso é acompanhado por sentimentos de conforto e de um estar livre de tensão, experienciados como ajustamento psicológico (Rogers, 1947/2008, p. 60).

Observa-se que a terapêutica proposta, até este momento, está concentrada em dissolver a tensão sempre iminente - ainda que longitudinalmente insustentável -, através de dispositivos de integração unidirecional e fortalecedores da complexidade do Self.

A natureza mesma do privilégio conferido ao Self, dentre as muitas outras possibilidades de funcionamento do organismo - inclusive, seu funcionamento total, baseado na sabedoria organísmica e não adotando o Self como eixo de ação - permaneceu, até àquele momento, desconsiderada e não argüida.

É interessante situar, no mesmo lastro do argumento que temos exposto, que este mesmo Self, desde sua formatação histórica e política européia, que vai adequando-se às histórias de vida particulares e corporificando a individualidade através de camadas culturais, estabelece a sua estrutura de funcionamento à custa e a despeito de descentralizar o funcionamento organísmico total. Esse é um primeiro problema para um funcionamento que se pretenda recíproco e aberto à vida.

Muito embora tenha o Self, como uma especificidade da sua criação, o pretexto de resolver uma necessidade pessoal, em vista de adequar-se comportamentalmente através de uma maneira mais criativa de investir-se como merecedor de apreço terceiro (segundo problema, porquanto o núcleo de avaliação, além de ter abandonado as necessidades gerais do organismo, é deslocado para fora do mesmo), o Self, também como discutíamos anteriormente, acaba criando um terceiro problema: como surge rígido em sua direção, gera tensão com as demais circunstâncias vitais que transitam livremente na malha experiencial do organismo.

Resumindo o desafio em poucas linhas: não obstante permutar a sabedoria do funcionamento total organísmico pela criação de uma instituição cultural denominada Self, que vai sendo constituído a partir de comportamentos e um quadro de referência externo - ambos internalizados e impostos como negociação de apreço (condições de valia) -, há que também se haver, além do desgaste e a tensão, razoavelmente freqüentes, entre o Self posto e o campo de experiências do Organismo que permanece como uma dinâmica presente nas expressões da vida.

Quando aportamos nas sistematizações da Abordagem Centrada na Pessoa, e, portanto, discutimos conceitos e campos da vida, tais como Tendência Formativa, é óbvio, então, considerar que temos um quarto e soberbo desafio: se o Self já não focava nos princípios **diferenciados** da vida (dentre eles, regulação organísmica e atualização orgânica não dirigida pelo Self), é difícil imaginar como, nesse enquadre de Self, seria cabível “administrar” os campos **indiferenciados** da vida, que enlaçam as manifestações orgânicas e inorgânicas, através de Atualização e Formatividade.

Talvez, por isso, Rogers já se questionava que, uma vez deslocada a atenção para algo mais que a satisfação das necessidades e redução de tensão do Self, observar-se-ia um campo outro, intrínseco ao funcionamento organísmico, onde “(...) as energias internas, trabalhando pela auto-atualização, são liberadas e ela [a pessoa] enfrenta seus problemas vitais mais eficientemente” (Rogers, 2008/1947, p. 62).

Uma vez retomadas ao funcionamento do organismo, os campos da vida, com seus fluxos comuns de conexão, ressonância e verberação por entre uma mesma malha vital, reinsere a direção organísmica em um horizonte de relações que não estão restritas ao Self, sua identidade e seus papéis.

Trata-se da veia comum por onde transitam as humanidades possíveis e os circuitos inimagináveis, de onde podem surgir novas formas e novas ordem, novas atividades e, inclusive, novos enodamentos experienciais de Si. Wood (2005) contextualiza em sua observação:

Mais de cinqüenta anos se passaram. Tornei-me pai e avô (...) Talvez isto tenha a ver com potencialidade humana passada e futura. Meu neto brasileiro realizará possibilidades inimagináveis. Para mim, meu avô era a encarnação da própria possibilidade (...) Espero que ela possa crescer naturalmente como as magnólias (...) A realidade é mais sutil, mais obscura, apesar de majestosa e serena: eu sou neto e avô e, de forma quase acidental, pai e filho. Na verdade, não chego a ser exatamente um 'eu'. Sou uma veia cujas origens se perderam e que um final inescrutável. Uma veia que representa o ser-homem (pp. 18 e 20).

O foco deixa de ser a reorganização da estrutura do Self e projeta-se para uma dimensão que, tangencialmente às camadas da "interioridade" e "singularidade" da individualidade eurocêntrica, reapresenta-se por meio de vínculos soterrados, entre a vida, o ser humano e o universo. Camadas e tecidos onde se observa mais diretamente os processos de interdependência vital:

(...) Herman Hesse disse certa vez: 'Para mim, árvores tem sido sempre, professoras das mais penetrantes. Elas lutam com todas as forças de sua vida apenas por uma coisa: realizarem-se de acordo com suas próprias leis, construírem suas próprias formas, representarem-se (...) Esta semana estive colaborando com o 'ser', plantando mudas de árvores nativas brasileiras nas falhas entre minhas reservas de matas. Talvez eu aprenda com as árvores a ser como elas, 'construir minha própria forma, representar a mim mesmo'. Assim, ambos o ser e o vir-a-ser estarão envolvidos no processo de fazer do mundo um lugar melhor para cada um (Wood, 2005, pp. 76 e 86).

Não é a transcendência aos limites internos do Self, mas, antes, a percepção de trânsitos e comunicações que foram descartados pela superficialização nos movimentos e nas conquistas particulares do Self, sobretudo em seu contexto de psicoterapia. Tamanha foi a ênfase que até mesmo o seqüestro dos processos de atualização pelo Self também foram deformados como direções válidas em vista de resiliência, complexidade e sustentabilidade para as redes de cooperação do organismo. Em um sentido, desenvolver o potencial do Self é também expandir novas texturas da vida - desde que isso não

implique atribuir, ao Self, a coordenação da vida, e, tão menos, queira extinguir o sentido de qualquer outra expressão organísmica que não sejam aquelas de sua predileção.

Como seria imaginar essa concepção ampliada de uma “Life-Centered Approach” (Bruno, 1974) a partir de Carl Rogers e sua Tendência Formativa?

---

<sup>ii</sup> “NovaMente (ou Nova Psicanálise) - Aparelho clínico de simulação da suspensão dos recalques, criado em 1986, por MD Magno, na linhagem de Freud e Lacan. Trata-se de uma reedificação da Psicanálise com base nos mais importantes achados desses dois mestres. Tem se mostrado à altura de orientar uma leitura da situação atual do mundo, sobretudo em seus aspectos de conhecimento. Coaduna-se com as teorias contemporâneas da cosmologia e da física, e demonstrou antecipá-las em diversos pontos cruciais” (Araújo, 2007, p. 227).

<sup>iii</sup> Empresa brasileira há 23 anos no mercado de comunicação, com publicação de 40 milhões de exemplares por ano, editando revistas abertas e corporativas, dentre outras ações de comunicação.

<sup>iii</sup> Referência na internet: [www.cidadejardimshopping.com.br](http://www.cidadejardimshopping.com.br)

<sup>iv</sup> Referência no twitter: @cidadejardim